

# Um estudo das formas verbais do pretérito perfeito do indicativo em português arcaico

(A study of past tense verbal forms in Archaic Portuguese)

Gisela Sequini Favaro<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Linguística– Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

giselasfavar@gmail.com

**Abstract:** This paper aims at studying the morphophonological structure of verb forms in Archaic Portuguese (AP). The corpus consists of *Cantigas de Santa Maria* (CSM), which represent a more elaborate monument of literary importance and occupy a privileged place in the medieval Galician-Portuguese literature. From the mapping of all verb forms occurring in the corpus, it is possible to categorize the data into types, considering the presence of specific processes, and setting up the morphological context of its application. This categorization is done in order to identify the phonological processes which are triggered by verbal inflection in the archaic period of the language.

**Keywords:** morphophonological structure; archaic Portuguese; verbs.

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é o estudo de processos morfofonológicos das formas verbais em Português Arcaico (PA). O *corpus* é constituído das *Cantigas de Santa Maria* (CSM), que representam o mais elaborado monumento da literatura e ocupam um lugar privilegiado na Literatura Galego-Portuguesa medieval. A partir do mapeamento de todas as formas verbais ocorrentes no corpus, é possível classificar os dados em tipos, considerando a presença de processos específicos, o contexto morfológico da sua aplicação, a fim de identificar os processos fonológicos que são provocados pela flexão verbal no período arcaico da língua.

**Palavras-Chave:** processos morfofonológicos; pretérito perfeito; português arcaico.

## Introdução

Por que irmãos, mas corações, cães, se no singular temos irmão, coração e cão? Por que *fazer/feito, ver/visto, escrever/escrito*, se o geral é verbo de infinitivo *-er* ter participio em *-ido*? Variações do presente, heranças do passado. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 16)

O objetivo deste artigo é fazer um diálogo com um estágio anterior da língua para sua compreensão no momento atual, através do mapeamento, da análise e do estudo comparativo de processos morfofonológicos – sobretudo a partir de teorias fonológicas não-lineares – entre duas sincronias da língua portuguesa: Português Arcaico (PA) e Português Brasileiro (PB). Além disso, a abordagem comparativa, do ponto de vista da Linguística contemporânea, não é comum nos estudos sobre esses processos; assim, estudando a formação dos processos verbais da língua portuguesa e comparando-os com os do português arcaico e do português atual, contribuímos para a observação de mudanças linguísticas que ocorreram na constituição dos processos morfofonológicos desencadeados pelas flexões verbais nesses dois períodos.

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Fapesp nº 2009/12171-9.

Pretende-se, portanto, fazer um vínculo entre o passado e o presente, comparando processos morfofonológicos desencadeados pela flexão verbal através das formas do pretérito perfeito do modo indicativo, ou seja, processos que alteram a forma dos morfemas e geram alomorfas. Para a realização deste estudo, são consideradas como objeto as formas verbais do pretérito perfeito do modo indicativo, tanto dos verbos regulares quanto dos verbos irregulares.

### ***Corpus***

Para a realização deste trabalho, o *corpus* de base é constituído pelas *Cantigas de Santa Maria* (CSM), que correspondem a um monumento literário de mais elaborada importância e que ocupam um lugar privilegiado na literatura medieval galego-portuguesa. São uma coleção de 420 cantigas religiosas em louvor da Virgem Maria (das quais 356 são narrativas e relatam milagres marianos, e as demais, exceto a introdução e os prólogos, são de louvor ou se referem as festividades marianas), com notação musical (salvo o poema introdutório e algumas outras cantigas em que a notação musical não chegou a ser acrescentada, apesar de haver espaço previsto para esta finalidade), mandadas compilar pelo Rei Sábio de Castela (Afonso X) na segunda metade do século XIII.

No final do século XII e início do século XIII situa-se o início do período arcaico, porque, segundo Williams (1961, p. 27), através de uma razão explícita, é neste momento que a língua portuguesa aparece documentada pela escrita:

Os mais antigos documentos em português aparecem pelo fim do século XII e marcam o começo histórico do Português Arcaico. Durante quatro séculos a língua sofreu muitas modificações. [...] Pelo fim do século XVI, quase todas as características distintivas do Português Arcaico haviam desaparecido; a língua se tornava, no essencial, a mesma de hoje em dia. (WILLIAMS, 1961, p. 27)

Esse fato ilustra que muitas das estruturas do PA já estavam definidas, como é o caso dos aspectos verbais que, naquele período da língua, já estavam definidos.

A escolha das CSM como objeto de estudo se dá devido à grande riqueza lexical que apresentam. No que diz respeito à maior riqueza lexical das CSM, Leão (2007) afirma que

Do ponto de vista do léxico, as *Cantigas* apresentam uma riqueza imensa (como também, embora em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam à tópica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, elas nos falam não só da vida religiosa, mas da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do quotidiano medieval na Ibéria. (LEÃO, 2007, p. 152-153)

Como *corpus* de suporte, será considerada a edição de Mettmann (1986, 1988, 1989) das *Cantigas de Santa Maria*. São quatro os códices contendo cantigas da coleção das CSM: dois deles pertencem à Biblioteca del Monasterio de El Escorial, na Espanha; o terceiro está conservado na Biblioteca Nacional de Madrid; e o último pertence à Biblioteca Nazionale Centrale de Florença, na Itália. Estão disponíveis ao Grupo de Pesquisa no qual

a pesquisadora se insere os microfilmes desses quatro manuscritos, bem como as edições fac-similadas dos manuscritos de Toledo e do Escorial.

Massini-Cagliari (1998, p. 83) nos indica por que é tão relevante a consideração da poesia em uma análise linguística de línguas antigas:

A tradição da análise poética tem mostrado que a poesia pode revelar a duração das sílabas, a localização do acento e pausas (cesuras) e um valor melódico/rítmico de natureza acústica. Com base na observação desses fatos, desenvolveram-se, dentro dessa tradição de análise poética, vários métodos de descrição. (MASSINI-CAGLIARI, 1998, p. 83)

Para Mattos e Silva (2001, p. 32), os documentos linguísticos fornecidos pelas líricas medievais galego-portuguesas são muito ricos, pois, através dos dados obtidos e a partir das considerações desses textos, encontramos pontos essenciais para o conhecimento do léxico e de outros aspectos da língua:

O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura e fechamento), vogais e ditongos nasais/orais. A morfologia tanto a nominal como a verbal também tem nessa documentação uma fonte fundamental. A questão da sintaxe aí representada deve ser considerada, tendo sempre presente que o caráter excepcional e variável é essencial na construção poética. (MATTOS E SILVA, 2001, p. 32)

Portanto, de acordo com vários estudos e discussões acerca da relação entre os dados contidos nos documentos e a língua indiretamente representada pela língua escrita, é possível chegar pelo menos a uma aproximação muito fiável do português falado da época. Mattos e Silva (2001, p. 39) nos aponta essa possibilidade, pois não havia um controle gramatical normativo naquele período, o que faz com que os textos daquela época apresentem variações constantes, fato que é indicador de usos da fala:

[...] sendo a documentação escrita que permanece, e sendo essa uma representação convencional da fala, desta teremos nos documentos um reflexo que permite tirar conclusões até certo ponto seguras, no nível fônico-mórfico, já que, não havendo então uma normatização ortográfica, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz. Do mesmo modo, se o que está escrito procura espelhar a voz e esta nos falta, pelo escrito se pode depreender, embora não integralmente, a língua no seu uso primeiro, em qualquer dos níveis em que se pode estruturá-la: fônico, mórfico, sintático, discursivo. (MATTOS E SILVA, 2001, p. 39)

## **Metodologia**

A metodologia baseia-se no mapeamento das formas verbais, a partir de glossários e vocabulários relativos às *Cantigas de Santa Maria*, e na categorização dessas formas de acordo com o tipo de processo morfológico verificado.

Abaixo, como ilustração, apresenta-se um exemplo dos procedimentos de mapeamento dos dados utilizados nesta pesquisa. O exemplo abaixo é um fragmento da cantiga de número sete (CSM7). Aqui, apresentamos os versos de 9 a 33, de um total de 91 versos

da cantiga. As formas verbais mapeadas neste trecho são as do pretérito perfeito do indicativo (em negrito):

(1)

### Cantiga 7

ESTA É COMO SANTA MARIA LIVROU A ABADESSA PRENNE, QUE  
ADORMECIA ANT' O SEU ALTAR CHORANDO.

[...]

Porende vos contarey 9  
un miragre que **achei** 10  
que por hũa badessa 11  
**fez** a Madre do gran Rei, 12  
ca, per com' eu apres' ei, 13  
era-xe sua essa. 14  
Mas o demo enartar 15  
a **foi**, por que empenñar 16  
s' **ouve** dun de Bolonna, 17  
ome que de recadar 18  
avia e de guardar 19  
seu feit' e sa besonna 20.  
*Santa Maria amar...* 21  
As monjas, pois entender 22  
**foron** esto e saber, 23  
**ouveron** gran lediça;24  
ca, porque lles non sofrer 25  
quería de mal fazer, 26  
avian-lle mayça. 27  
E **fôrona** acusar 28  
ao Bispo do logar, 29  
e el ben de Colonna 30  
**chegou** y; e pois chamar 31  
a **fez**, **vêo** sen vagar, 32  
[...]

Depois de mapeadas as formas, são montados quadros, nos quais as formas verbais encontradas são classificadas por conjugação e número-pessoa.

### Análise dos dados

Durante a coleta dos dados, que correspondem até a cantiga 155, notamos que alguns verbos não seguem o paradigma regular da conjugação do pretérito perfeito do indicativo no PA, como é o caso dos verbos *dar*, *ser* e *ir*.

Por exemplo, com relação ao verbo *dar*, isso ocorre pelo fato de o verbo pertencer a duas conjugações diferentes, a exemplo do que ocorre no PB atual (cf. MONTEIRO, 1991). Nos tempos que são formados a partir do infinitivo, como o futuro do presente, o futuro do pretérito e o imperfeito do indicativo, etc., as formas desse verbo no PA são da primeira conjugação. Já as formas dos tempos relacionados ao tema do pretérito perfeito, isto é, o imperfeito do subjuntivo, o futuro do subjuntivo e o mais-que-perfeito, são da segunda conjugação. A primeira pessoa do pretérito perfeito obedece à primeira conjugação, uma vez que o /e/ temático é alomorfe de /a/. Já nas demais pessoas o verbo se enquadra no paradigma da segunda conjugação. Esse fenômeno ocorre também com os verbos *ser* e *ir*.

Said Ali (2001) nos aponta que os verbos em *-ar* formam o pretérito perfeito do indicativo acrescentando ao radical *-ei, -aste, -ou, -ámos, -astes, -aram*, formando, assim, *cantei, cantaste, cantou*, etc. Desse paradigma o autor afirma que devemos excluir certos verbos, tais como *estar* e *dar*, que fazem o perfeito modelado segundo alguns verbos da 2ª conjugação.

Em relação aos verbos em *-ir* (que correspondem aos verbos de 3ª conjugação), acrescentam-se ao radical as terminações *-i, -iste, -iu, -imos, istes, -iram*, formando, neste caso, *sentí, sentiste, sentiu*, etc. Segundo Ali (2001), exceptua-se o verbo *vir*, que apresenta algumas terminações da 2ª conjugação (tais como as formas *vieste, viemos, viestes*).

Por fim, temos que os verbos em *-er* formam seu pretérito perfeito com as seguintes terminações: *-i, -este, -eu, -emos, -estes, -eram*, tais como *nasci, nasceste, nasceu*, etc. O autor nos aponta, ainda, que o verbo *fazer*, em alguns documentos antigos, traz a alternância das formas *fezo* por *feze* – dado este, que foi comprovado através das nossas coletas de dados nas CSM (ex: **fez, fezo, feze** - A.20,<sup>2</sup> B.18, 3.1, B.23, 1.68, 3.16, 3.22, 3.26, etc.). A respeito do pretérito perfeito **fui**, que em português serve para os verbos *ser* e *ir*, afirma que no português antigo usou-se *foi* para a 1ª pessoa e *fuste* para a 2ª. Não encontramos a forma *foi* para a 1ª pessoa do singular, mas a forma *fui*, tal como utilizamos ainda hoje no PB. Já *fuste*, foi comprovado em nossos dados (ex: **fuste** - 16.78,21. 36 etc.).

Além desses verbos, podemos observar que *fazer, querer, aver, poer, teer, trager e saber* apresentam também irregularidades fonéticas no radical, que foram mantidas no PB.<sup>3</sup>

Em relação aos processos de alomorfas, verificamos que ocorre neutralização morfofonológica e crase da vogal temática nas 2ª e 3ª conjugações na primeira pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo:

(2) Verbo: Aprender --- Eu aprendi  
Cobrir --- Eu cobri

Radical/	Vogal temática/	Sufixo modo-temporal/	Sufixo número-pessoal
Aprend-	(e) -i-	- ø-	-i-
Cobr-	-i-	- ø-	-i-

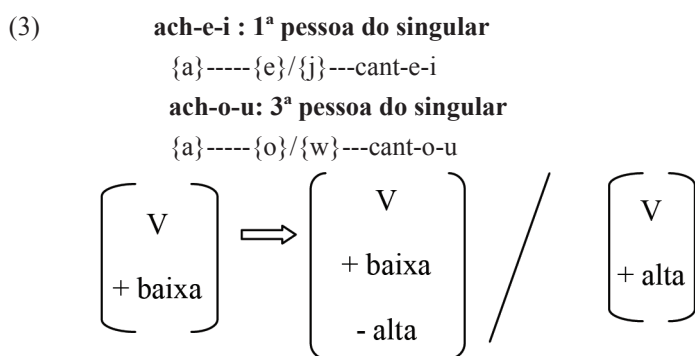
O verbo *aprender* sofre uma alternância de sua vogal temática de *-e-* para *-i-*, quando conjugado na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo. Com a ausência de sufixo modo-temporal, temos a junção, ou seja, a crase da vogal temática com o sufixo número-pessoal. Seguem esse paradigma flexional todos os verbos regulares da 2ª e 3ª conjugações que estejam conjugados na primeira pessoa do singular. Aqui, encontramos dois processos: o da neutralização da vogal temática e a crase da vogal temática com o sufixo número pessoal.

E o outro processo é a harmonização vocálica da vogal temática da 1ª conjugação na primeira e terceira pessoas do singular, respectivamente. Para exemplificar o processo de harmonização vocálica da vogal temática da 1ª conjugação na primeira e na terceira

<sup>2</sup> Os dados entre parênteses revelam a cantiga e o verbo respectivamente. Por exemplo, para **fez, fezo, feze** (A.20), lê-se cantiga A, verso 20.

<sup>3</sup> Cf. Monteiro (1991), para os quadros explicativos de cada irregularidade, no capítulo *Desvios do Padrão Geral*, destinado à interpretação dos verbos irregulares no PB.

peças do singular no pretérito perfeito do modo indicativo, podem ser citadas as formas do verbo *achar*, conjugado na 1ª e na 3ª pessoas do singular. No caso da harmonização vocálica, houve um alteamento da vogal {a} por influência das semivogais {j} e {w}. A vogal temática /a/, baixa, adquire o traço alto, que vem das vogais de número-pessoa /i, u/; dessa forma, há uma harmonização do traço baixo da vogal temática, que passa a médio-alta, com o traço alto da vogal de NP. Há, também, harmonização com relação ao ponto de produção da vogal, uma vez que, diante da vogal anterior de NP, a VT se realiza como média-alta anterior [e]; da mesma forma, diante de vogal posterior [u], realiza-se como média-alta posterior [o]. Vejam-se o esquema e a regra de aplicação, abaixo:



Em relação aos processos, vistos sob a perspectiva das fonologias não-lineares (sobretudo a Fonologia Métrica), temos que as formas da 2ª e 3ª conjugação, no pretérito perfeito do modo indicativo, sofrem o processo de crase (fusão) da vogal temática na primeira pessoa do singular com o morfema de número-pessoa (NP), por serem da mesma natureza ([+alta]). Esse fenômeno cria uma forma com sílaba aberta final acentuada, que foge ao padrão da acentuação nas demais formas verbais. Entretanto, essa aparente irregularidade pode ser explicada pelo fato de que restam dois tempos no *tier* prosódico unidos a uma mesma vogal, com a fusão. Por essa razão, a sílaba resultante é pesada, atraindo o acento.<sup>4</sup> Veja os exemplos abaixo:

(4) Verbo *Dormir*



Representando esse processo através da grade métrica, visualizamos a mudança do acento, pois na flexão verbal a maioria dos acentos recai sobre a vogal presente no radical do verbo:



<sup>4</sup> No padrão acentual do português arcaico, o acento tônico podia recair na última sílaba (ex: *perdi*) e na penúltima sílaba (ex: *perde*) e muito raramente na antepenúltima. Massini-Cagliari (1999, p. 169-181) afirma também que o PA é sensível à quantidade de sílaba na construção dos pés. Isso quer dizer que qualquer sílaba longa ou pesada posicionada na última posição de sílaba da palavra atrai o acento principal.

Já Camara Jr. (1976, p. 143) explica o fenômeno acima, dizendo que, na 3ª pessoa do singular e na 1ª singular do pretérito perfeito, o tema em *-a* troca essa vogal para *-o* e para *-e* respectivamente por causa da passagem dos ditongos /au/ e /ai/, de *amaut*, por *amauit*, e de *amai*, por *amaui*, com a perda da marca do perfectum para /ou/ e para /ei/ respectivamente, mas continua a distinção com os verbos de tema em *-e* e em *-i*, como se vê em *temeu* e *partiu*, em face de *amou*, e em *temi*, *parti*, em face de *amei*.<sup>5</sup>

De acordo com os processos analisados anteriormente, concluímos que todos se mantiveram no português padrão atual. Podemos, portanto, já dizer que esses dados são relevantes, uma vez que demonstram semelhanças entre galego-português medieval e português padrão atual, já que naquela época as três conjugações verbais, originárias do latim, já estavam definidas.

Através da análise dos dados, pode-se notar uma ocorrência maior do tempo pretérito perfeito do modo indicativo, em comparação a todos os demais tempos/modos verbais. Baseando-nos no estudo de Koch (1989), podemos esboçar uma explicação para esse fenômeno, observando que em português temos tempos verbais que pertencem ao mundo narrado, que correspondem aos verbos que veiculam relatos, de origem literária ou não. Por outro lado, temos verbos que pertencem ao mundo comentado, que correspondem aos tipos de situações comunicativas que não consistem apenas em relatos, mas apresentam uma atitude tensa, um comprometimento maior por parte do autor do texto. Os tempos verbais que constituem o mundo comentado são: o presente do indicativo, o pretérito perfeito e o futuro do presente; já entre os tempos de mundo narrado temos o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito e o futuro do pretérito do indicativo.

No caso das CSM, encontramos com maior frequência cantigas que narram episódios e milagres marianos, que podem ser consideradas como contendo trechos caracterizados por verbos que dão suporte tanto ao mundo narrado como ao mundo comentado, uma vez que temos situações comunicativas que não constituem apenas relatos, mas lições de moral e louvores.

A maioria das cantigas veicula relatos de milagres ocorridos no passado. O tempo que ocorre mais frequentemente é o pretérito perfeito, já que esse é o tempo por excelência para o relato de ações no passado, enquanto o imperfeito se presta à caracterização da contextualização dessas ações (pano de fundo).

Vale ressaltar que as cantigas, na sua grande maioria, são narradas em 3ª pessoa, tendo pouca referência à 1ª pessoa do singular. Os momentos em que esta pessoa aparece referem-se àqueles em que o narrador participou (ou simula participar), ou melhor, testemunhou (ou simula testemunhar) algum tipo de acontecimento.

## Conclusão

O principal resultado obtido consiste no levantamento das formas verbais nas CSM e na quantificação dessas formas, em termos de conjugação, tempo-modo-aspecto e número-pessoa; em seguida, foram observadas as alomorfias condicionadas pela flexão verbal do pretérito perfeito do modo indicativo.

<sup>5</sup> Camara Jr. (1976, p. 143) afirma que, em *amei*, a desinência pessoal é *-i /i/*; ela não aparece em *temi*, *parti*, porque não há ditongo fonológico */ii/* em português.

Através deste trabalho, pretendemos mostrar o quanto os processos relacionados ao sistema verbal se modificaram e o quanto se mantiveram na tentativa de compreender um pouco mais a história e a evolução do idioma, colaborando para a elucidação de alguns fatos importantes do passado linguístico do português, que podem contribuir para esclarecer fatos da sua estrutura atual. Ressaltamos que essa pesquisa encontra-se em andamento, tendo sido apresentados resultados iniciais dos estudos.

Por fim, conclui-se que as análises apresentadas anteriormente provam que o estudo de um estágio anterior da língua, sobretudo de âmbito fonológico, nos revela dados de importância para a compreensão de fenômenos que ocorrem no momento atual do português, no que diz respeito aos processos de morfofonologia que envolvem a flexão verbal.

A relevância desta pesquisa reside, principalmente, na descrição dos processos morfofonológicos desencadeados pela flexão verbal que não são tão estudados no que se refere à constituição verbal da época medieval. Além disso, a abordagem comparativa, do ponto de vista da Linguística contemporânea, não é comum nos estudos sobre esses processos; assim, estudando a formação dos processos verbais da língua portuguesa e comparando-os com os do português arcaico e do português atual, poderemos contribuir para a observação de mudanças linguísticas que ocorreram na constituição dos processos morfofonológicos desencadeados pelas flexões verbais nesses dois períodos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

KOCH, I. G.V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

LEÃO, A. *Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. Escrita do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*: fonética ou ortográfica? *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 159-178, 1998.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas - elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Português Arcaico: Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

METTMANN, W. (Ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986. v. I.

\_\_\_\_\_. Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 101 a 260). Madrid: Castalia, 1988. v. II.

\_\_\_\_\_. (Ed.) *Cantigas de Santa María (cantigas 261 a 427)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 1991.



SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: UnB, 2001.

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1961.